

Terça-feira
27 de Outubro de 1998

Diário • Ano 9 n.º 3148
140\$00
IVA incluído

Director **José Manuel Fernandes**
Directores-adjuntos **Nuno Pacheco**
e **José Queirós**

Rua Agostinho Neto, Lts. 6/7 — 1769-010 LISBOA
Rua João de Barros, 265 — 4150-414 PORTO
Público na Internet: <http://www.publico.pt>
E-Mail: publico@publico.pt

PÚBLICO

edição LISBOA

RAMOS

José Cardoso Pires (1925-1998)

páginas 2 a 9



PUBLICIDADE



A EXPO '98 acabou.
Mas felizmente
vai poder repetir alguns
dos melhores momentos.

Importador Exclusivo Adriano Ramos Pinto

Escola Faltas dos pais ao trabalho serão pagas

Os pais membros dos órgãos de gestão das escolas poderão vir a ter direito a um "crédito de dias remunerado" quando, no exercício do cargo, faltarem ao emprego. O projecto de decreto-lei abrange os trabalhadores da Função Pública e os do sector privado. *página 30*

Guiné-Bissau Senegal ataca Jaime Gama

A imprensa governamental senegalesa acusou ontem o ministro dos Negócios Estrangeiros português de ter ido a Bissau levar 30 toneladas de armamento aos rebeldes de Ansumane Mané, o homem que em Junho tentou matar "Nino" Vieira. Gama prefere nem comentar. *página 19*

Sondagem Beira Interior penaliza o seu mapa

Os eleitores da Beira Interior penalizam o mapa da sua região. Essa é a principal conclusão da sondagem realizada pela Católica para o PÚBLICO, RTP e Antena 1. O número de indecisos ronda os 30 por cento. Mas a abstenção em 8 de Novembro deverá ser superior. *página 14*

Fisco Suspeita geral na direcção da Madeira

As Finanças mandaram abrir um inquérito ao funcionamento da sua direcção distrital do Funchal. A "normalidade" deste serviço ficou abalada com a chegada de uma brigada da Direcção-Geral de Contribuição e Impostos, que já detectou graves irregularidades num inquérito a 125 empresas. *página 40*

PUBLICIDADE

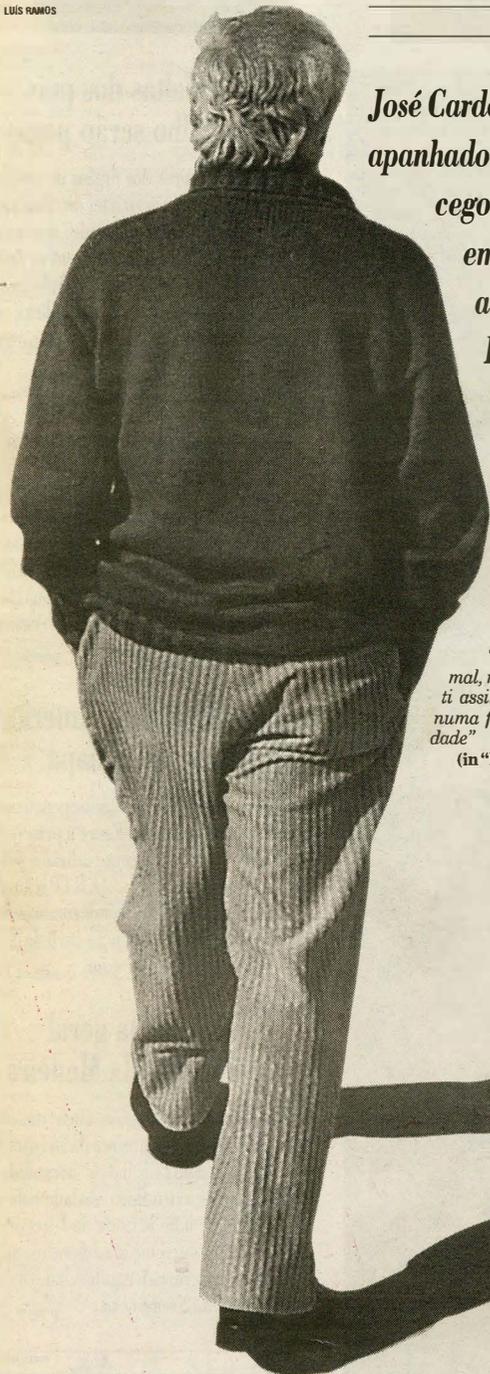


TÃO
PERSONALIZADO
QUE TEM
UMA TAXA
DE JURO
SÓ PARA SI.

DESTAQUE

O romancista da morte branca

LUIS RAMOS



Rui Ferreira e Sousa

José Cardoso Pires foi definitivamente apanhado pela morte branca, pelo tempo cego. Morreu ontem de madrugada em Lisboa. Ficam os seus livros, a sua escrita lenta e rigorosa. Ficam os amigos e os leitores, os seus pintores, os seus cineastas, e os locais da cidade que o apaixonavam, as ruas, os bares. Ficam a noite, o mar e as palavras. E sobretudo uma imensa solidão.

"Sinto-me mal, nunca me senti assim, murmurei numa fria tranquilidade"
(in "De Profundis, Valsa Lenta")

Andou a fugir à morte enquanto pôde. Mas o que se temia aconteceu ontem no início da madrugada: Cardoso Pires morreu no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, depois de um coma de quatro meses. Tinha 73 anos.

Esteve uma vez do outro lado, há três anos, mas regressou para contar aos vivos esse momento único passado num túnel branco. E escreveu um livro, "De Profundis, Valsa Lenta" — uma "quase falsa não-ficção", como lhe chamou o crítico literário Liberto Cruz —, publicado no ano passado. Mas foi uma vez apenas.

Para o escritor foi a ida e a vinda entre um mundo e outro, um trajecto entre as sombras e o silêncio, entre a luz tosca e as imagens distorcidas, vivido e transmitido com humor e fantasmagoria, numa linguagem invulgarmente sóbria. Foi o momento em que Pires encontrou o Outro Ele, "o tal" que Edite, sua mulher, irá encontrar "a pentear-se com uma escova de dentes", como escreve em "De Profundis, Valsa Lenta", numa atmosfera "de quietude sulcada por palavras sem rasto".

Tudo aconteceu numa manhã de Janeiro de 1995 que fora invadida "por um aguaceiro desalmado, ouvia-se uma chuva grossa e pesada lá fora mas deve ter sido passageira porque quando acabou a Edite ainda estava ao telefone. A partir de então tudo o que sei é que me pus ao espelho da casa de banho a barbear-me com a passividade de quem está a barbear um ausente".

Hoje, José Cardoso Pires, do lado de lá, no tempo cego, anda "por ali, disposto para qualquer Alguém de mim num território satélite sem vida (...) Um animal a planar dentro duma redoma de vidro".

O escritor já não pode dizer como no seu livro: "Incrível, a memória ti-

Mas nada mais oportuno no dia da sua morte do que citar esta frase de Samuel Beckett que Cardoso Pires elegera como uma das epígrafes em "De Profundis, Valsa Lenta": "Já não sou eu, mas outro que mal acaba de começar".

A solidão e os amigos

José Cardoso Pires, o escritor de rigor, do substantivo, do pudor assumido, da ruptura com o neo-realismo demagógico e populista, em "Hóspede de Job", o escritor da "escrita no osso" como disse António Lobo Antunes, "o poeta da ficção portuguesa" como sublinha Oscar Lopes, dizia ao PÚBLICO em Dezembro do ano passado (edição de 13.12.97), no dia em que recebeu o Prémio Pessoa, que continuava como nunca "agarrado à escrita, sempre com o mesmo ódio aos adjetivos" e salientava então que sentia uma grande falta de paciência para tudo menos para escrever. A sua memória andava a atraí-lo, mas nunca quando escrevia.

Era um homem dentro da escrita, com o ritual de escrever à mão na sua casa da Costa da Caparica e do regresso eterno a Lisboa para passar a limpo no computador. E nesse acto criativo, Pires falava dos três valores essenciais à escrita: "a procura da identidade de si próprio, com a língua e com o país". E dizia também: "Escrever é um movimento constante de destruição e de recriação. Nada se cria sem destruir e nada se exalta sem agredir".

Gostava de trabalhar frente ao oceano. O campo é lento e a tão louvada mentalidade camponesa ainda mais, porque ainda é mais lenta do que a paisagem. Em contrapartida, o mar transmite-me uma sensação de isolamento vivo, paralelo àquele que encontro nas cidades verdadeiramente grandes."

Cardoso Pires emendava os seus livros até ao último minuto numa ânsia exigente de perfeição. Possuía uma grande capacidade de efabular, um modo calmo e exaltante de se referir à sua vida e à sua obra, sem complexos e sem pedantismo. Nomes como O'Neill, Cesáryny, Redol e Carlos

na reaparecido, o coágulo de sangue, esse selo que me estrangulava o cérebro, diluira-se no segredo do corpo e eis-me livre, renascido, diante de dois estranhos que não paravam de improvisar malícias entre si".

Já não pode dizer também: "Mais dois, três dias, e iria levantar ferro da ilha dos naufragos para reviver a casa e o mundo e voltar à escrita e aos livros nas últimas linhas em que os abandonara".

1925

Nasceu em São João do Peso, Castelo Branco, filho do oficial de Marinha José António Neves e de Maria Sofia Cardoso Pires Neves.

1935-1944

Estudos secundários no Liceu Camões e frequência de Matemáticas Superiores na Faculdade de Ciências de Lisboa, sem todavia concluir o curso. Colabora na página literária do jornal "O Globo" e publica comentários de leitura na revista "Afinidades" do Instituto Francês de Lisboa.

1945-1946

Alista-se na Marinha Mercante como praticante de piloto sem curso, actividade que abandona compulsivamente, "suspeito de indisciplina e detido

em viagem do navio Niassa" (cf. auto da Capitania do Porto de Lisboa, de 2/2/46). Primeiro texto publicado em volume — o conto "Salão de Vintém" (in "Bloco", antologia de jovens universitários).

1949

Publicação de "Os Caminheiros e Outros Contos" (em edição do autor com chancela da editora Centro Bibliográfico). Redactor e depois chefe de redacção da revista feminina "Eva". Com Victor Palla funda a colecção de bolso "Os Livros das Três Abe-lhas" e traduz "Morte de Um Caixeiro Viajante", de Arthur Miller. Tradução de "O Pão da Mentira" ("No Pockets in a Shroud") de Horace McCoy.

1953

Morte do irmão num acidente de aviação em cumprimento do serviço militar. Dez anos

mais tarde, Cardoso Pires dedicar-lhe-á "in memoriam" o romance "O Hóspede de Job".

1954

Primeiro romance original publicado no estrangeiro: "The Outsiders" (o conto "Os Caminheiros", extraído do volume do mesmo título), nº 11 da revista "Argosy", Londres. Dirige as Edições Artísticas Fólio onde Aquilino Ribeiro publica "O Retrato de Camilo", com litografias de Júlio Pomar e Carlos Botelho, e as traduções de "D. Quixote" e "Novelas Exemplares", ilustradas por João Abel Manta. Na mesma editora, a colecção "Teatro de Vanguarda", que revela em Portugal obras de Beckett, Faulkner e Maiakovski.

1959

Estágio na revista "Época" de Milão, com vista

à publicação de um semanário que a Censura impediria de sair. A empresa editora lança então a revista "Almanaque", cuja redacção, coordenada por Cardoso Pires, é constituída por Luís Sttau Monteiro, Alexandre O'Neill, Vasco Pulido Valente, Augusto Abelaira e José Cutileiro. "O programa da revista era simples: ridicularizar os provincianismos, cosmopolitizados ou não, sacudir os bonzos contentinhos e demonstrar que a austeridade é a capa do medo e da falta de imaginação", JCP, entrev. "O Século Ilustrado", 6/6/75. Breve exílio em Paris e no Brasil.

1961

De regresso a Portugal, retoma a direcção de "Almanaque". Membro da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores, presidida por Jaime Cortesão.

Ele foi escritor até ao fim

Editorial

Nuno Pacheco

Última valsa

AINDA ALIMENTÁMOS, em segredo, a esperança de o ver entrar por aquela porta para confirmar no seu inconfundível sorriso: "Vou recomeçar a crónica." Sabíamos, nós e ele, que isso era cada vez menos possível, mas mesmo assim acreditámos. A crónica que durante anos escrevia para a revista do PÚBLICO atrapalhava-lhe os livros, mais febris e urgentes, e por isso ele pedira para não continuar, até ver. Era uma forma, como tantas outras, de nos mantermos ligados. Como naquelas viagens sem retorno onde a derradeira despedida se mascara de um vago "até à próxima". A esperança, claro. Mesmo que a vida teime em contrariá-la, teimamos nós sempre em contrariar a vida.

Crónicas à parte, cruzámo-nos mesmo assim inúmeras vezes: livros, prémios, entrevistas, o mundo desejoso de saber como sobrevivera ele à iminência de uma quase-morte e ele a desculpar-se com a vida e com um — mais um — excelente livro, onde se reconhecia irreconhecível num "outro" que por uma breve eternidade se lhe colara aos passos. Depois houve quem insistisse em perguntar "e agora, José?", ignorando que ao contrário do José-sem-nome do verso de Drummond, a José Cardoso Pires não faltava nome mas apenas o conforto de um rumo no reencontro de si próprio. Até que, recuperado já da tragédia que lhe eclipsara a memória, magistralmente retratada em "De Profundis, Valsa Lenta", sobreveio o colapso do cérebro. Espécie de última valsa, fatal e irreversível, pensamente lenta, do pensamento útil. Suprema traição a um escritor, para quem o cérebro é a primeira e última razão de viver. E o combate médico lá recomeçou, mas desta vez com o horizonte turvado pela quase certeza de um não-retorno.

"Sempre que o diabo começa a badalar os sinos de Deus, ponho ponto final em mim e fecho parágrafo", escreveu José Cardoso Pires há quatro anos, numa das suas crónicas no PÚBLICO. Tocam agora os sinos, a dá-lo como morto, e fingimos não acreditar. Porque nenhum badalar de sinos ousará pôr-lhe os pontos finais que não sejam os dele, onde ele bem os colocou e quando quis. Podemos reencontrá-lo sempre, ao virar de uma folha, na descoberta de um livro, de um conto, de uma crónica. Nessa forma única de comunicar que é a escrita, imortal por sobre todas as mortes, reconhecemos a sua voz e o seu sorriso, enganando a ausência física com a evidência da palavra, essa arte que fez de José Cardoso Pires um dos maiores escritores do nosso século. Por isso, se ouvirmos os sinos, não liguem ao dobrar de finados. Acabem o parágrafo e sigam adiante. ■

COMO SE fala de um amigo? O que gostaria o Zé que eu revelasse? Provavelmente muito pouco; se calhar, mesmo nada, pois a nossa relação era reservada, cerimoniosa, quase secreta. Por isso ele pediu a outro que me convidasse para ser seu par na sua "Valsa Lenta".

Mas não posso deixar de confessar que, nestes meses de dolorosa sobrevivência, me apeteceu muitas vezes pedir-lhe desculpa por esta Medicina que o condenou a mais algum tempo de vida. Desta vez não haveria regresso, e todos o sabíamos, mas foi bom ver o carinho com que todos tratavam este doente especial, o "amigo do professor".

Há alguns meses enviei-lhe um manuscrito solicitando uma opinião. Fazia-o sempre com o temor e a ansiedade do aprendiz. Ele avisara-me um dia: "Olhe que este país não perdoa a quem faz uma coisa bem feita, quanto mais duas..." As palavras que então me escreveu, um pouco antes de um novo acidente lhe cortar duas asas, são das coisas mais belas que alguma vez li. Por isso, na despedida, me sinto feliz de as partilhar com outros. Ele foi escritor até ao fim. Ele me perdoará a indiscrição. ■

João Lobo Antunes,
neurocirurgião

Domingo de manhã/29-3

Caro João,

Um dia, era eu miúdo, apanhei um "alfaite", um desses insectos de patas longas que sobrevoam os riachos como helicópteros. Foi uma glória! Insectos daqueles são difíceis de capturar, e eu, criança desalmada, pus-me a mirá-lo e a remirá-lo — e fiquei deslumbrado com as asas (três pares, suponho), que eram tão transparentes que se reduziam a delicadas nervuras suspensas no nada.

Como entomólogo de sadismo curioso, arranquei uma das asas, a mais pequena, e soltei o bicho para ver o resultado. Céus! O voo do "alfaite", que sempre me enigmara pelas suas miraculosas suspensões, pelos arabescos à tona de água e pela sua inimaginável esquiua, esse voo, em vez de tombar, tomou imediatamente outro desenho. Em vez de planar, corria com as asas na vertical como que a golpear a água...

Lembrei-me disto depois da bela frase com que termina o seu texto, de que gostei verdadeiramente muito.

Quantas asas pede um voo que partiu em busca de outro equilíbrio?

Quantas leituras tem um livro olhado pelo mesmo olhar a diferentes horas de nós mesmos? E que leitura será a dum poema em braile decifrado por alguém que o conheceu antes de cegar?

Desculpe o arrazoado, e obrigado por me ter dado a conhecer este texto.

Um abraço sublinhado do seu amigo de sempre

Zé

LUIS RAMOS



Cardoso Pires gostava de trabalhar frente ao oceano. O campo cansava-o

Bibliografia

"Os Caminheiros e Outros Contos", 1ª ed. Centro Bibliográfico, Lisboa, 1949, com capa de Júlio Pomar. (A matéria deste livro foi incluída posteriormente na colectânea de contos "Jogos do Azar".)

"Histórias de Amor", 1ª ed. Editorial Gleba, Lda. Lisboa, 1952; capa de Victor Palla. (Incluído posteriormente em "Jogos de Azar", com excepção do conto "Romance com Data".)

"O Anjo Acorado", 1ª ed. Editora Ulisseia, Lisboa, 1958. Capa de Sebastião Rodrigues; 3ª ed., com um estudo sobre o autor de Alexandre Pinheiro Torres, Moraes Editores, Lisboa, 1964; ed. "Clube do Livro", Círculo de Leitores, 1980; 7ª ed., com prefácio de Mário Dionísio, Publicações O Jornal, Lisboa, 1984; 8ª ed., com prefácio de Antonio Tabucchi, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1990.

"O Render dos Heróis", 1ª ed. Editorial

Gleba, Lisboa, 1960; edição especial, com ilustrações de Júlio Pomar, Edições Artísticas Fólio, Lisboa, 1960.

"Cartilha do Marialva" — Capa e arranjo gráfico de Sebastião Rodrigues; 5ª e 6ª ed., ilustradas por João Abel Manta, Moraes Editores, Li-

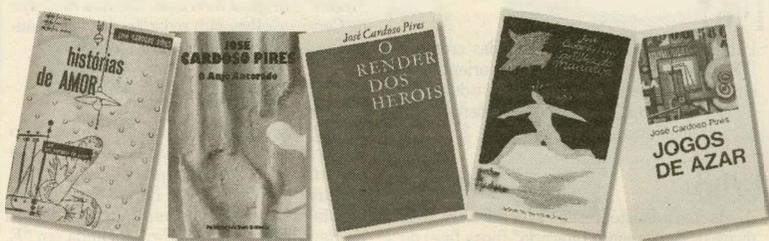
so, 1973; ed. especial, com guaches de Costa Pinheiro, Publicações Dom Quixote, Círculo de Leitores, 1989.

"Jogos de Azar", 1ª ed. Editora Arcádia, Lisboa, 1963; 5ª ed. Publicações O Jornal, Lisboa, 1985.

"O Hóspede de Job" (Prémio Camilo Castelo Branco), 1ª ed. Editora Arcádia, 1972; ed. "Clube do Livro", Círculo de Leitores, 1972; 7ª ed. Publicações O Jornal, Lisboa, 1983.

"O Delfim", 1ª ed. Moraes Editores, Lisboa, 1968; ed. "Clube do Livro", Círculo de Leitores, 1976; 10ª ed. Publicações Dom Quixote, 1988; ed. especial "Obras-Primas do Romance Português", com estudo introdutório de Eduardo Prado Coelho, Círculo de Leitores, 1988; edição "Audioliuro", Publicações Dom Quixote, 1988. Seleccionado por "La Quinzaine Littéraire" (1-8-70), "Le Monde" (31-8-70) e "L'Observateur" (Maio de 71) na lista dos Melhores Romances Estrangeiros do Ano.

"Dinossauro Excelentíssimo", 1ª ed. Editora Arcádia, Lisboa, 1972, com ilustrações e capa de João Abel Manta; edição "Ars bibliographica"



Um racionalista para além da razão

“No centro e bem ao alto, planta-se a frase”

Torcalo Sepúlveda*

José Cardoso Pires foi um romancista genial. Só por causa de “O Delfim” teria merecido o Nobel, ele que nunca apareceu nos prognósticos anuais. Elogiou o libertino francês para se opor à irracionalidade do marialva nacional. Mas depressa duvidou que no “desenho do esquema” residisse “o êxito da parada”. O libertino pôs em causa as suas regras, para ir além da pura racionalidade. Morreu. “No centro e bem ao alto, planta-se a frase”, disse. Não haverá delfins para o repetir.

“E u ainda hoje não tenho um conhecimento concreto do que seja uma puta. Nunca as frequentei, ‘mea culpa’” — dizia o romancista José Cardoso Pires em entrevista ao PÚBLICO, de 19/6/94. E uma afirmação que pode espantar da parte de um escritor que, em Portugal, tinha fama de devasso. Pois é: acontece, porém, que Cardoso Pires nunca frequentou putas, pela razão simples de que não era um marialva, mas um libertino. E um libertino nunca pagou amor.

O libertino, como Cardoso Pires o entendia — na esteira de Casanova ou Vailland — é um homem só. Para quem a sedução é um jogo. Porque tudo para ele é um jogo. Quando em “Cartilha do Marialva” (ed. Dom Quixote), Cardoso Pires elogiava D. Luís da Cunha, a figura do verdadeiro libertino português, patrocinador da inteligência racionalista do tirano esclarecido que foi o Marquês de Pombal, escrevia: “Sim, é preciso sete fôlegos para acompanhar esta eminência no seu galope de grande alcance e saber que leva na cabeça duas verdades essenciais. Primeira,

que ‘a política é uma ciência que pode ser conjecturada’. Segunda, que ‘os interesses (...) são assaz conhecidos, mas o trabalho está em penetrar nos subterrâneos por onde se pretendem conseguir para se contraminarem.” (“Instruções a Marco António de Azevedo Coutinho”). E o racionalista que Cardoso Pires era prossegue: “Minar, contraminar: no desenho do esquema está o êxito da parada.”

É claro que um general da Revolução Francesa, como Lacos — mestre de Vailland, mestre de Cardoso Pires — não podia limitar a estratégia ao limitado campo político e social. As regras do jogo amorosas no romance epistolográfico “Ligações Perigosas” são tão cruéis como as da política. E por isso as personagens centrais se afundam. Porque o jogo passa a ser um fim e não um meio. Disso mesmo se apercebe Cardoso Pires quando, na entrevista ao PÚBLICO, já citada, desabafa: “Um tipo lê o Sade, que é um escritor que eu não admiro muito (...), acho-lhe interesse, piada, serve-me para algumas coisas, e vê-se que é um exemplo típico da aristocracia mental francesa. E o Vailland tinha isso. A mulher conta, no livro dela, que ele a levava às putas. Para quê? Está bem, iam os três às putas, perfeito. Mas o que é que isso me interessa?”

O libertino põe em causa as regras

Quer dizer, desde a primeira edição da “Cartilha do Marialva” (1960) até 1994, Cardoso Pires começou a duvidar que no “desenho do esquema” residisse “o êxito da parada”. O libertino

pôs em causa as suas regras, para ir mais além da pura racionalidade. O que não espantará os leitores que tenham mantido alguma familiaridade com a obra do autor. Em “O Delfim” (ed. Dom Quixote), o que é que se nos depara? Uma gente frágil, aérea, confusa, que não consegue “minar e contraminar”. O engenheiro Palma Bravo é um marialva e para Cardoso Pires o marialva não passa do “antilibertino português, privilegiado em nome da razão de Casa e Sangue, cuja configuração social e intelectual se define, nas suas tonalidades mais vincadas, no decorrer do século XVIII.” Como aparece então o marialva Palma Bravo num romance dos anos 60 do século XX? Agustina também continua a escrever sobre uns morgados minhotos que já estavam a morrer no tempo de Camilo e não se suicidaram ainda...

Acontece, porém, que enquanto a “Cartilha do Marialva” era um manifesto ideológico contra uma cultura e um estado de coisas social, “O Delfim” — primeira edição de 1968 — era já a verificação da morte dessa realidade. O engenheiro Palma Bravo é um marialva, mas um marialva inseguro... Que trata a mulher como coisa — mulher que contraditoriamente o ama porque ele é inseguro — e a quem ela acaba por abandonar, suicidando-se.

A data de publicação de “O Delfim” — 1968 — prova que o acaso tem causas matemáticas

muito rigorosas. Enquanto os miúdos de todo o mundo se revoltavam contra uma civilização velha e relha, Cardoso Pires percebia que algo mudava também em Portugal. Porque o marialva — “cuja configuração social e intelectual se define, nas suas tonalidades mais vincadas, no decorrer do século XVIII” — morria de morte natural, isto é, económica. O fim do salazarismo era já o fim de um regime de obtenção de riqueza baseada na propriedade da terra. Ora, a terra — à qual estava ligado o capital financeiro — começava a perder a primazia para o capital industrial.

Tudo isto parece muito racionalista, e é-o. A realidade é sempre racional; a reacção que lhe opõem os homens e as mulheres é que nem sempre o é. A mulher de Palma Bravo, Maria das Mercês, é como essas raparigas “soixante-huitardes” que procuravam o amor nas barricadas. Mas numa vilória portuguesa, Zeus, meu! Antes a morte que tal sorte.

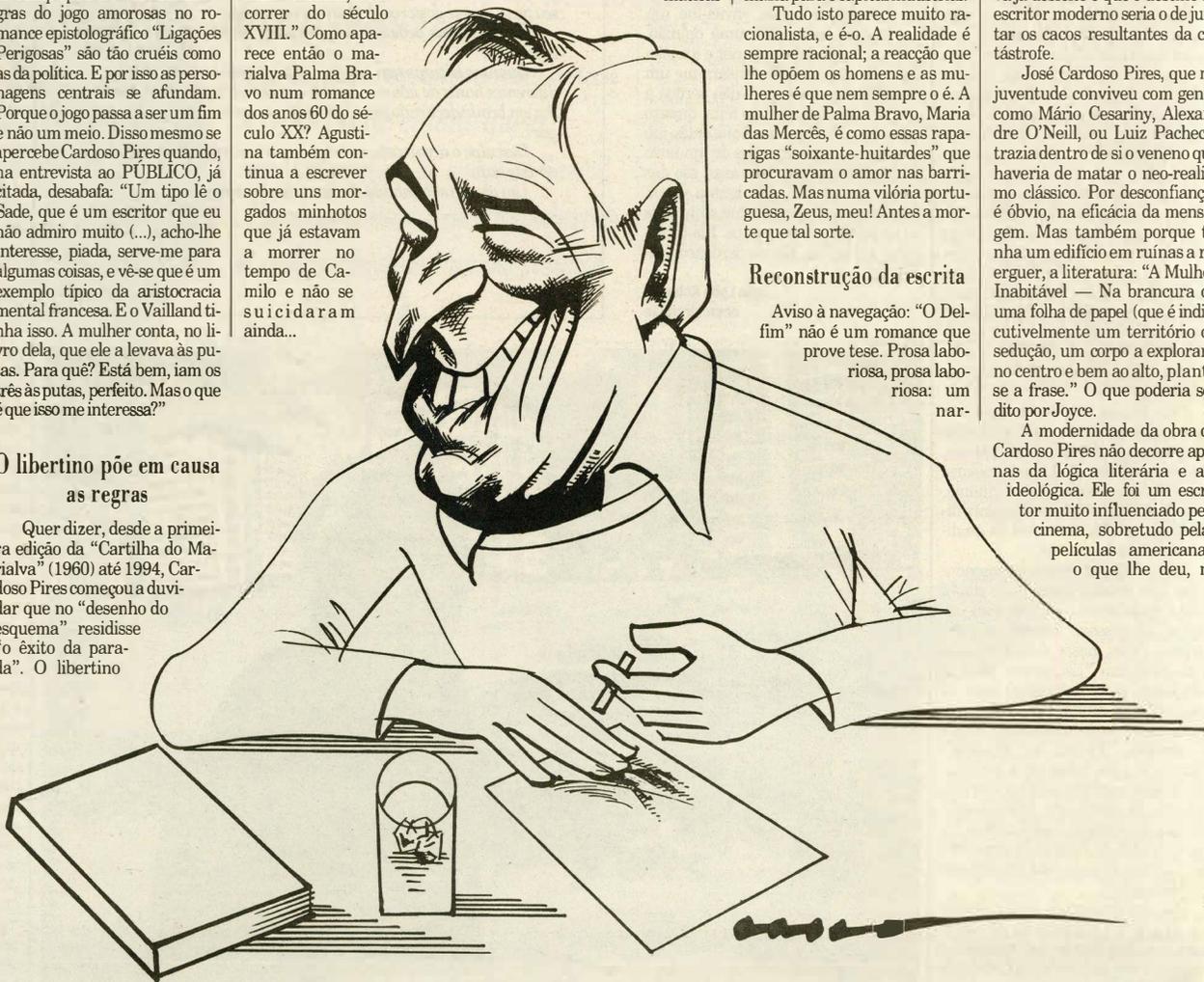
Reconstrução da escrita

Aviso à navegação: “O Delfim” não é um romance que prove tese. Prosa laboriosa, prosa laboriosa: um nar-

rador que conhece Palma Bravo e a mulher porque gosta de caçar na zona. Que se apercebe da complexidade da vivência do casal e das relações agressivas entre a família Palma Bravo e os habitantes da região, que há gerações eram tratados como servos da gleba. Narrador que enquanto nos conta esta história, nos vai fornecendo, simultaneamente, a ferramenta com que a está a contar. Não é por acaso que em “O Delfim” são feitas referências ao movimento dadaísta. Cardoso Pires sempre soube que escrevia num tempo em que o romance estava já desfeito e que o destino do escritor moderno seria o de juntar os cacos resultantes da catástrofe.

José Cardoso Pires, que na juventude conviveu com gente como Mário Cesariny, Alexandre O’Neill, ou Luiz Pacheco, trazia dentro de si o veneno que haveria de matar o neo-realismo clássico. Por desconfiança, é óbvio, na eficácia da mensagem. Mas também porque tinha um edifício em ruínas a reerguer, a literatura: “A Mulher Inabitável — Na branquira de uma folha de papel (que é indiscutivelmente um território de sedução, um corpo a explorar), no centro e bem ao alto, planta-se a frase.” O que poderia ser dito por Joyce.

A modernidade da obra de Cardoso Pires não decorre apenas da lógica literária e até ideológica. Ele foi um escritor muito influenciado pelo cinema, sobretudo pelas películas americanas, o que lhe deu, no



1963

Delegado ao Encontro (clandestino) de Escritores Peninsulares realizado em Barcelona. Primeiro romance publicado no estrangeiro: “L’Ospite di Giobbe” (“O Hóspede de Job”), Le-rici Editori, Milão.

1964

Prémio Camilo Castelo Branco atribuído a “O Hóspede de Job”.

1965

Estreia de “O Render dos Heróis” no Teatro Império de Lisboa, com encenação de Fernando Gusmão; interpretações de Carmen Dolores, Rui de Carvalho, Moraes e Castro e Rogério Paulo; música de Carlos Paredes.

1966

Com Alçada Baptista, Miller Guerra, Lindley Cintra, Joel Serrão, José-Augusto França, Nuno Bragança e Nuno Teotónio Pereira constitui o núcleo português da Association Internationale pour la Liberté de la Culture.

1967

Publicação no “Diário Popular” das crónicas “Os Lugares-Comuns”. Funda e orienta “& etc.”, magazine das letras, das artes e do espectáculo do “Jornal do Fundão”, coordenado por Victor Silva Tavares.

1968

Ainda com a assistência de Victor Silva Tavares, dirige o “Suplemento Literário” (nova fase) do

“Diário de Lisboa” e, meses depois, o suplemento “AMosca”, do mesmo jornal.

1969-71

Lecciona Literatura Portuguesa e Brasileira no King’s College da Universidade de Londres. Colaborações eventuais na BBC. Entrega à revista “Index” o original do ensaio “Técnica do Golpe de Censura”. Primeira redacção de “Dinossau-ro Excelentíssimo”.

1972

De regresso a Portugal, publica “Dinossau-ro Excelentíssimo”. O ensaio “Técnica do Golpe de Censura” é simultaneamente editado em Londres (“Index”) e em Paris (“Esprit”); a versão original só sairá em Portugal depois da Revolução de 25 de Abril, incluída em “E

agora, José?” (Moraes Editores, Lisboa, 1977).

1974

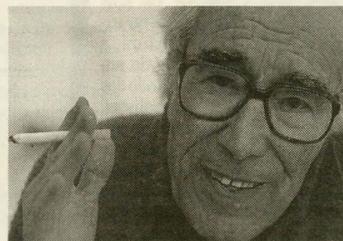
Cerca de mil pessoas assistiram ao encontro cultural que sublinhou o aniversário do “Jornal do Fundão”. Um romancista, José Cardoso Pires, um poeta, Eugénio de Andrade, e um pintor, Cargaleiro, “foram exaustivamente analisados e proclamados testemunhas de um certo tempo português”, “Diário de Lisboa”, 29/1/74. Após a queda da ditadura, interessa-se por analisar “o submundo da polícia política e o tecido psicológico da sua identificação como corpo de terror” (entrev. “Vida Mundial”, 7/12/74). O drama “Corpo-Delito na Sala de Espelhos”, levado à cena seis anos mais tarde, baseia-se nessa experiência. Director-adjunto do “Diário de Lisboa”.

Uma crónica

Das dezenas de crónicas que José Cardoso Pires escreveu para o PÚBLICO-Magazine, entre 10 de Janeiro de 1993 e 22 de Dezembro de 1996, escolhemos esta, publicada a 4 de Setembro de 1994. Mais tarde, ao inseri-la no livro "A Cavalão no Diabo" (Publicações Dom Quixote, Novembro de 1994, pp. 107-110), o autor alterou-a em diversas passagens, mantendo-lhe no entanto intacta a estrutura original. Mas a frase final passou a ser outra: "Ouço-os, tião-tião, e penso que dobram por mim a darem-me logo como morto."

Por quem os sinos dobram

José Cardoso Pires



Cantar de abelhas, cheiro a pinheiros, ar puro e, vá lá, uma campana a tocar de longe em longe, como se fosse o cordeiro de Deus de passagem pelo mundo.

Mas paz campestre onde? Um dia destes abro o telejornal e vejo que em Quintela de Azurara, para os lados de Mangualde, o povo anda em polvorosa, não só atordoado com os sinos como com as mensagens electrónicas que a igreja do lugar lança cá para fora aos quatro ventos. De manhã à noite, parece que aquilo por lá é um desfiar permanente de missas, recitações, ladainhas e oratórias, espalhadas por montes e vales por uns al-

Sempre que o diabo começa a badalar os sinos de Deus, ponho ponto final em mim e fecho parágrafo. Agora, quando eles soam na igreja aqui ao lado e cobrem a minha escrita, é assim que os entendo. Penso que dobram por mim ainda vivo.

tifalantes desvairados que o padre da freguesia mandou instalar na torre do templo de Deus.

Como no mundo islâmico, afinal, os camponeses de Quintela é que ainda não deram por isso. Crentes na Santa Madre Igreja, o que eles não são é fundamentalistas como o padre e, assim, protestam abertamente contra os sinos da discórdia e contra a poluição sagrada que lhes baralha o dia-a-dia. Alguns talvez até já tenham ensurdecido, quem sabe?, e estejam privados de ouvir a voz do Senhor. Outros, com tanta balbúrdia, já confessam diante das câmaras da televisão que receiam perder a fé.

Perder a fé? O padre Arlindo Tavares, que é quem comanda esta cruzada electrónico-campestre, aparece então no ecrã em paramentos de seda e ouro, para se justificar ao mundo dos espectadores. Não se mostra pessimista nem inquieto com a contestação popular. Não fala nisso, sequer. Olhar pio e magoado, recita umas coisas breves com voz unguída de padre antigo a cheirar a mofo e, tudo somado, conclui-se que "trabalha para salvar o povo". E "dixit". Por sua vez, o entrevistador também se apressou a fechar a reportagem, antes que os sinos recommencessem a tocar, calculo eu.

Sei lá. Eu, pelo menos, mesmo sem os ouvir, fiquei a senti-los num cadenciário lento e igual. Um dobrar a finados, digamos.

Agora, quando eles soam na igreja aqui ao lado e cobrem a minha escrita, é assim que os entendo. Penso que dobram por mim ainda vivo. ■

que respeita a descrições e diálogos, velocidade admirável: "Efectivamente. Efectivamente, disse o padre. O mistério Lozano configurava-se num acidente de características bem definidas e incontestáveis. Mas era também um motivo de reflexão. Efectivamente, ele representava o castigo da vaidade de Ícaro transposta dos mitos antiquíssimos para as realidades do nosso tempo, sim, representava a expiação da vertigem de luxos, prazeres e devassalhões em que vivia uma certa sociedade." (Alexandra Alpha, ed. Dom Quixote). Entre a técnica literária joyceana de "O Delfim" e a rispidez austera de "O Hóspede de Job" (ed. Dom Quixote) infiltra-se, pela via do cinema, a contenção que, na história literária portuguesa, só se encontra em Carlos de Oliveira — de quem Pires foi, aliás, amigo.

Deve dizer-se, então, o seguinte: o que salvou o neo-realismo — versão portuguesa do realismo socialista soviético — foi gente como esta. Que não vergou às exigências de escola. Pois, num Alentejo miserável, assolado pela seca, explorado por latifundiários absentistas e

vigiado pela Guarda Republicana que é bruta, o Tio Aníbal ou Floripes, a moça dos Sotas, personagens de "O Hóspede de Job", são muito pouco ortodoxas: aventureiro, um, apaixonada, a outra. Para não falar dessa velha louca, a Tia Libertada, que vivia dos restos da pólvora de uma carreira de tiro. Velha intemorata e absurda que prefigura certas criaturas do realismo fantástico latino-americano.

O autor de "O Hóspede de Job" nunca fez neo-realismo porque nunca quis fazer História. Recusou-se, inclusive, a reconhecer as pessoas que estavam por detrás da "Balada da Praia dos Cães" (ed. Dom Quixote): "O que eu procurei a todo o custo nesse livro foi não o aproximar nem de longe nem de perto do romance histórico. Tudo menos isso. Por essa razão é que me recusei a conhecer as personagens reais do acontecimento, embora tivesse todas as possibilidades de o fazer. Não queria que o contacto directo, a biografia e outras evidências me limitassem a criatividade (...) Total liberdade, portanto, em relação à história que eu me propunha con-

tar." (in "Cardoso Pires por Cardoso Pires", de Artur Portela, ed. Dom Quixote).

"Ad Usum Delphini"

Tinha uma escrita trabalhosa — mais uma vez à semelhança do seu amigo Carlos de Oliveira —, que lhe causava um sofrimento inominável. Publicava pouco, opinavam os corvos. Escrevia pouco, mas bem, prosa de sintaxe contemporânea e temática cidadina. Em "A Cavalão no Diabo" — antologia de crónicas surgidas no PÚBLICO, a que juntou mais uns tantos textos inéditos — lê-se uma das narrativas mais geniais da literatura portuguesa dos últimos anos: "O Viajante Anunciado". A chegada de Alvaro de Campos a Lisboa à procura de Daisy — sim a Daisy, essa: "Olha Daisy: quando eu morrer tu há-de / dizer aos meus amigos lá de Londres, / embora não o sintas, que tu escondes / a grande dor da minha morte..." — é tão bela como o encontro fortuito de uma máquina de escrever e de um guarda-chuva em cima de uma mesa de operações, parafraseando Leautréamont. O heterónimo — tão parecido com o seu >>

A carta apagada

NUNCA o ouvi falar de literatura. De mulheres sim. E de álcool. E de futebol. E de toiros. Recatado, deixava a literatura para os ajustes de contas consigo próprio. E depois dos livros publicados, os leitores e os críticos que dissessem. Não chateava.

Não era tímido, isso não. Já o conheci numa fase em que se temia menos a violência das suas cabeçadas. Parece que, quando jovem, o artista varria bares à cabeçada e fechava portas a golpes de testa. Um perigo. De resto, decilitrava como um marinheiro em terra e nunca o vi bêbado. Lúcido, sempre. Parafraseando a "Cartilha do Marialva": fechava-se no seu orgulho, "que é a arma dos desesperados com passado e cabedal".

Gostava do toiros, lidados a pé, das meias verónicas de Curro Romero, porque o toureiro "ama o toiro, é irmão do toiro". Os cavaleiros taumáquicos não passavam, para ele, de representantes do antigo marialvismo que detestava, como odiava esse Portugal de morgados que nunca mais acaba de morrer.

Parece que a escrita lhe causava horribéis sofrimentos. Nunca se queixava. O homem de qualidade, o homem de boa companhia nunca se queixa. Citemo-lo uma vez mais: "Um ho-

mem de tal força adquire em relação ao seu semelhante um preconceito aristocrático (que não é de sangue) e em relação à sua pessoa uma confiança endeusada." Parecia um deus, um deus pagão, como esses que corriam os bosques da antiga Grécia, metade homens, metade bichos, bebiam nas fontes, roubavam mel nas colmeias e atacavam ninfas. Mordia a vida, em suma, como quem, com uma dentadura muito branca, saboreia uma maçã. Tudo lhe era permitido, porque o mundo tinha sido feito para ele. Ele acreditava e agente também.

Fraqueza única: dizia mal do Governo, de todos os governos. Desculpemo-lo, pois "o apelo ao gosto pela vida pressupõe uma intenção de modificar a vida em sociedade." Este homem de esquerda nem a esquerda poupava: "A esquerda, certa esquerda socialista, fechou-se tão mecanicamente no compromisso ideológico e num optimismo histórico tão alheio à contradição que se tornou monolítica." Como todo o verdadeiro libertino, José Cardoso Pires tinha "o vício das estratégias globais". E das críticas globais, portanto.

Morreu. Porque "entre a dama e o valete há sempre uma carta apagada que decide a partida". ■ T.S.

Bibliografia

de 15 exemplares, com manuscritos do autor e originais de João Abel Manta, Galeria 111, Lisboa, 1972; 6ª ed. Publicações Europa-América, Lisboa, 1974 (Esta obra foi posteriormente incluída nas colectâneas de contos "O Burro-em-Pé", 1970, e "A República dos Corvos", editada em 1988).

"E agora, José?", 1ª ed. Moraes Editores, 1977.

"Corpo-Delito na Sala de Espelhos", 1ª ed. com prefácio de Eduardo Lourenço, Moraes Editores, Lisboa, 1980.

"O Burro-em-Pé", edição ilustrada por Júlio Pomar, Moraes Editores, Lisboa, 1979; Edição "Clube do Livro", Círculo dos Leitores, 1980.

"Balada da Praia dos Cães" (Grande Prémio do Romance e Novela), 1ª ed. Publicações O Jornal, Lisboa, 1982; 13ª ed. "Livro do Bolso",

Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1989; seleccionado por "Sunday Times" (Londres, 7-12-66), na lista dos melhores romances estrangeiros do ano, organizada por Alan Sillitoe.

"Alexandra Alpha" (Prémio Especial da Associação de Críticos Brasileiros), 1ª ed. Publica-

ções Dom Quixote, Lisboa, 1987; ed. "Clube do Livro", Círculo de Leitores, 1989.

"A República dos Corvos", 1ª ed. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1988.

"A Cavalão no Diabo" (Antologia de crónicas surgidas no PÚBLICO, às quais foram soma-

das narrativas inéditas), 1ª ed. Publicações Dom Quixote, Lisboa 1994.

"De Profundis, Valsa Lenta", precedido de "Carta a um Amigo-Novo" e do Prof. João Lobo Antunes, 1ª ed. Publicações Dom Quixote, Lisboa 1997.

"Lisboa Livro de Bordo" — Vozes, Olhares, Memorações", 1ª ed. Publicações Dom Quixote e Expo-98, 1997.

Edições estrangeiras

Espanha: Editora Seix Barral e Circe Ediciones, S.A., Barcelona; Ediciones La Magrana (versão catalã). França: Editions Gallimard, Paris. RFA: Hanser Verlag, Munique. República Democrática Alemã: Rütten & Loening, Berlin. Inglaterra-USA: J. M. Dent, Londres, e



>> criador, Fernando Pessoa — que investiga um amor de juventude (Daisy é dona de uma "boutique" que existe, de facto, na lisboeta Avenida de Roma), essa Daisy que ele cantaram o saber num poema, que era a sua personagem, ele que era a personagem de um escritor já morto...

O amor de Cardoso Pires pela cidade — sobretudo pela Lisboa que o adoptou, ficou definitivamente selado num álbum notabilíssimo: "Lisboa Livro de Bordo Vozes, Olhares, Memórias" (ed. Dom Quixote/Expo-98). Nele elogia uma Lisboa que é cais de partida, mas sobretudo porto de abrigo. Cidade cheia de cor, ao contrário do que pretendem os que lhe chamam "branca", uma gente que Pires desprezava. Cidade alucinante, que revia a sua loucura nos desenhos da calçada e nos azulejos do Palácio Fronteira. Cidade perversa no cantar, que falava como quem batia fado. Cidade constantemente violada e sempre virgem. Cidade já morta, que agora reencontrará no Olimpo dos mal-amados o romancista que a cantou.

Em 1995, Cardoso Pires sofreu um acidente vascular cerebral — o primeiro de uma série que o matou agora — e mergulhou no limbo do esquecimento. Em "De Profundis, Valsa Lenta" (ed. Dom Quixote), fala na estranheza do tempo cronológico, no espanto que sentia quando gente que não reconhecia — afinal familiares e amigos — lhe invadiam o quarto do hospital. Uma espécie de vazio desopressor que não lhe dava felicidade porque neste tempo plasticificado não há lugar para sentimentos: "Atentem, atentem nele: chegam amigos a visitá-lo mas ficam-lhe no limiar da recordação. Pelo desfocar da vista, por certas expressões evasivas ou por certas insensibilidades, percebe-se que não é capaz de o localizar com clareza. A um deles, sei eu que lhe viu os olhos toldados de lágrimas e que teve um impensável vislumbre de estranheza, o que era aquilo, parecia perguntar — mas frio, terrivelmente frio." O racionalista, que Pires sempre fôra, aceitou sossegadamente a irracionalidade que a doença lhe ofereceu. "Ali o tenho, anulado e discreto."

É isto o génio: "Ad Usum Delphini", poderia comentar José Cardoso Pires, com o seu sorriso malicioso, que o olhar claro e frontal contrariava. Mas não haverá delírios. ■

* jornalista "free-lancer"

Uma ficção irrepeditível

A FICÇÃO de José Cardoso Pires inscreve-se na tradição realista. Os primeiros contos surgem no final da década de 40 (o livro de estreia é "Os Caminhinhos e Outros Contos", 1949), quando o neo-realismo português iniciava uma crise profunda, que reflectia as transformações culturais e sociais em toda a Europa do pós-guerra. Sem nunca ter explicitado uma ruptura, a produção literária do autor vai-se distanciando das convenções neo-realistas, sobretudo no que diz respeito ao empenhamento social nas suas facetas mais evidentes. Para este afastamento, contribuíram as deambulações pelos meios artísticos (nomeadamente, o grupo surrealista de Mário Cesariny) e pelos meios lisboetas de uma certa marginalidade de jogadores, os bailes populares. A valorização de estilos de vida diferentes do pequeno-burguês leva à formação de um imaginário marcado pelo individualismo. Mais tarde, Cardoso Pires sintetizará este imaginário, referindo-se a uma "formação realista, não emotiva" do homem. Encontra-se subjacente aos seus protagonistas um ideal de masculinidade assente na acção e na experiência. A figura e os livros de Hemingway, por exemplo, afirmam essa "praxis" no sentido em que os acontecimentos do mundo (contemporâneos às suas personagens) são representados como acções que entram em diálogo com cada indivíduo e com a realidade estabelecida. Há um inconformismo magoado nos romances de Hemingway, que muito atraiu Cardoso Pires. Este afirmará sempre que foi com o autor norte-americano mencionado que aprendeu a dar vida a diálogos e a ter em conta a economia narrativa. Segundo Cardoso Pires, a prosa portuguesa era pesada, "adjectiva", marcada pelo discurso indirecto; em suma, pouco moderna. Ficou famosa a interpelação de um Cardoso Pires muito jovem a Alves Redol, um dia, no Café Chiado, dizendo-lhe que a sua obra tinha "um papel negativo na literatura portuguesa". A desavença foi,



José Cardoso Pires com Alexandre O'Neill na Costa da Caparica em 1958

no entanto, superficial e, muitos anos depois, dirá admirar sinceramente "Barranco dos Cegos" (1962) de Redol.

Pelo menos por duas características, Cardoso Pires distingue-se de escritores da sua geração: em primeiro lugar, não teve experiência de vida no campo (nasceu numa aldeia da Beira mas veio muito cedo para Lisboa) e, em segundo lugar, nunca escreveu poesia. Outra das influências da primeira fase da sua novelística é Roger Vailland para cuja tradução portuguesa de "Cabra Cega" escreve um prefácio em que exalta a literatura despida de demagogia e de romantismo.

Uma marca cega

"O Anjo Ancorado" (1958), o primeiro romance, é uma declaração de realismo, mas um realismo transmitido de um modo individualizado, sem atender a convenções. A problemática social está presente em cada página mas de um modo subtil, constituindo o idiolecto do autor. Todas as personagens (ricos e pobres) parecem presas de uma marca

cega, a da sociedade portuguesa, atafafante, opressiva, totalmente isolada das outras nações. A beleza da aldeia costeira — visitada por uma mulher e por um homem vindos de Lisboa, num sábado pela tarde — parece uma maldição. Há um peixe, um mero, que é pescado pelo homem e comido pelos dois com fastio, quando ali ao lado os habitantes do lugar têm fome e nem têm meios para ir à pesca. Em tal ambiente, os sentimentos humanos não tomam forma; não existem.

Este mundo de "desocupados" surge em toda a sua plenitude em "O Hóspede de Job" (1963). Os protagonistas são duas criaturas privadas de meios de realização, a viver pelos caminhos da terra na miséria mais gritante até acontecer a amputação da perna de um deles, que os reduz claramente à mendicância. São "charruas" sem serventia, deslocadas, no areal de uma praia para usar o título de um texto ensaístico do autor, "A Charrua entre os Corvos" (introdução a "Jogos de Azar", 1963) em que é avançada a noção de "desocupado".

Se é verdade que a ficção de Cardoso Pires acentua a ausência de perspectivas sociais imediatas, não é menos certo que a subjectividade é uma aparência. E o caso do narrador-protagonista de "O Delfim" (1968). O discurso de primeira pessoa é constante neste romance; é o do narrador, que é um escritor um pouco envergonhado e sobretudo caçador, que chega à aldeia da Gafeira em vésperas da abertura da caça. A centralidade assumida por este "eu", que se dedica a conhecer o lugar, é um autêntico dispositivo de estranhamento. Dispositivo paradoxal na medida em que, por um lado, parece ocupar-se em registar tudo à sua volta (numa espécie de "transmissão directa" de acontecimentos, inspirada pela televisão de que fala Umberto Eco em "Obra Aberta", 1962), mas, por outro lado, nada do que é olhado e nos torna familiar. O narrador é um ser que está de passagem em si mesmo, colocado como por acaso numa "terra de ninguém". Não há, nesta narrativa, uma subjectividade que lê o mundo na medida em que nem o mundo nem o sujeito são unitários ou de configuração simples. A

objectividade da realidade estiliza-se; a dimensão individualizante deste alguém que escreve "eu" torna-se problemática num mundo em mutação. A ironia e o tom falsamente ligeiro da narrativa permite, no entanto, captar um Portugal transfigurado pela emigração e pelo turismo. O registo realista (ou melhor, hiper-realista) anota as transformações (que foram entrando passivamente, sem ninguém dar por isso) num país estagnado. "O Delfim" é uma obra-prima, considerado por muitos como o melhor romance do autor.

Tradição única em cada romance

Depois da mudança esperada, o 25 de Abril de 1974, surgem ainda dois romances. O primeiro, "Balada da Praia dos Cães" (1982) é uma reavistagem a um crime supostamente político ocorrido, em 1960. É uma narrativa

polifónica, fechada como só o poderia ser num tempo (o da escrita do romance) em que já era possível dizer tudo, sem censura. O romance, "Alexandra Alpha" (1987) é o único sobre os tempos da democracia portuguesa. É uma narrativa com tonalidades por vezes melodramáticas, grandiosas num registo distinto dos anteriores, que só poderia vir a ser inteiramente compreendido se tivesse havido mais romances a seguir. Mas a ficção de Cardoso Pires nunca se repetiu: cada romance parecia que iniciava e completava uma tradição única.

A sua última grande obra é, sem dúvida, "De Profundis, Valsa Lenta" (1997), que é uma narrativa autobiográfica em que o eu-narrador não está verdadeiramente presente na medida em que se encontra entregue à sua despersonalização ("o outro de mim"), provocada por um acidente vascular cerebral. Será sempre de um lugar improvável, difícil e irreconhecível que escreverá, não sendo excepção este último, escrito depois da "ressurreição", ou seja, da recuperação da memória dois anos depois do acidente. ■

Eunice Cabral

1975

"Sete Parágrafos sobre a Liberdade", texto apresentado no XXV Festival da Cidade de Berlim, RFA, e editado pela Damnitz Verlag, de Munique, e por "Neue Deutsche Literatur", de Berlim Leste. Vereador da Câmara Municipal de Lisboa.

1978-79

Vive em Londres como "resident writer" da universidade. Estreia, em Lisboa, no Teatro Aberto, a peça "O Corpo-Delito na Sala dos Espelhos"; direcção de Fernando Gusmão.

1980

"Apocalipse 2" — reportagem sobre o Vietname para as revistas "Triunfo", de Madrid, e "Hoy", do México, e com extractos no "Diário de Lisboa".

1982

Grande Prémio do Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores atribuído à "Balada da Praia dos Cães".

1986-87

"Les Pas Perdus", conto publicado em "Le Monde Diplomatique" (Dezembro, 1986) cuja versão original sairá depois em "A República dos Corvos", 1988. "Balada da Praia dos Cães", filme de José Fonseca e Costa. "Poker Aberto", série de cinco crónicas no semanário "O Jornal".

1989-90

Prémio Especial da Associação de Críticos, São Paulo, Brasil, atribuído a "Alexandra Alpha". Inauguração do Teatro da Malaposta com "O Ren-

der dos Heróis" em encenação de Mário Barradas e com música de António Victorino de Almeida. Meses depois, em Março de 1990, nova encenação desta peça por Alvaro de Oliveira para o Grupo de Teatro António Aleixo, com música de José Afonso.

1991

Prémio Internacional União Latina.

1992

Astrolábio de Ouro do Prémio Internacional Último Novecento (Pisa)

1995

Sofre um acidente vascular cerebral e entra em coma, experiência que o levou a escrever "De Profundis, Valsa Lenta" (1997).

1997

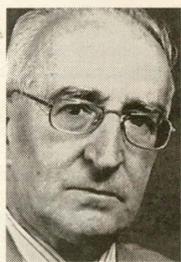
Prémio Pessoa, Prémio D. Dinis da Fundação da Casa de Mateus e Prémio da Crítica da Associação Internacional de Críticos Literários (AICA).

1998

Em Abril, o estado de saúde do escritor agrava-se, depois de novo acidente vascular cerebral. Em Julho, recebe em casa o prémio da AICA. No mesmo mês, a dia 8, é internado depois de novo acidente vascular cerebral. Entrou em coma e não mais saiu. A Associação Portuguesa de Escritores (APE) atribui-lhe o Prémio Vida Literária, que é entregue à mulher do escritor a 23 de Setembro.

Retirado do livro "Cardoso Pires por Cardoso Pires", de Artur Portela, ed. Publicações Dom Quixote. As actualizações são da responsabilidade do PÚBLICO

Branca eternidade

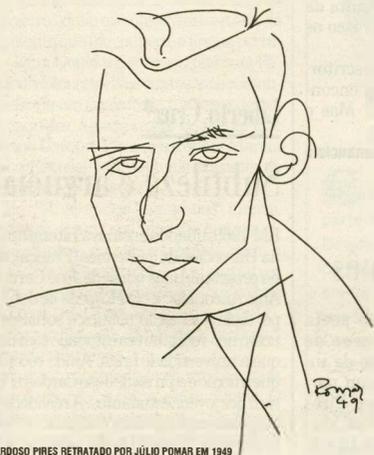


Eduardo Lourenço*

JOSÉ CARDOSO Pires não foi um autor à procura de si mesmo. Não por ter nascido como Hércules com todas as virtudes para ser posto à prova pelos monstros anunciados em cada encruzilhada do tempo.

Homem, nem de certezas nem de incertezas, nem olímpico nem angustiado, o autor de "O Delfim" investiu-se, como uma espécie de predestinação, no papel de detective por conta própria, apostado na descoberta de enigmas ou crimes, secularmente sepultados, sob o espesso silêncio português, raiz e matriz do tempo sonâmbulo (a frase é dele) que lhe coube viver. Viver e reviver em contos e romances inseparavelmente realistas e alegóricos, onde em quem os ler respirará um pouco aquele ar refêto de um passado português que foi o da sua geração e, eminentemente, o seu.

Sejam claros como ele o era: esse tempo foi o do fascismo ordinário, quotidiano, que ele descreveu ou alegorizou como ninguém. Quer dizer, sem dramatismos nem tragédias excessivas, não apenas por dever de lucidez e respeito da verdade, mas pela rara consciência que possuía de não ser esse tempo um tempo de excepção mas apenas uma versão actualizada do anacronismo estrutural por ele revisitado na imóvel "Cartilha do Marialva" da nossa cultura.



CARDOSO PIRES RETRATADO POR JÚLIO POMAR EM 1949

Com Augusto Abelaira, num registo menos intelectual, José Cardoso Pires foi por excelência, o cronista mor desse momento — ainda não de todo devolvido à memória e ao mito, cujo segredo e rumor de algum modo se extingue com o seu silencioso adeus.

Para quem viveu de olhos abertos no redemoinho da sua época, registando com sobriedade e distanciada ironia as suas paixões sem transcendência e a sua opressão sem grandeza, a morte chega sempre tarde. No seu lugar, agora duplamente vazio, ficará apenas o palimpsesto nítido, luminoso como a sua escrita sem flores, de uma história soberbamente humana, fraternal e sem complacência. Nesse texto, todos os companheiros da mesma viagem terminada podem decifrar com a sua ajuda a aventura de uma geração partilhada entre o dever de escutar e resistir a atmosfera cinzenta o presente que lhe coube, e o não menos imperativo, de imaginar, sem excessivas ilusões, uma qualquer saída para outra espécie de espaço e de tempo.

Aquele onde agora estará José Cardoso Pires, com toda a memória recuperada, daquele espaço branco entre morte e vida que descreveu como se fosse a eternidade. ■

*ensaísta

Sejam claros como ele o era: esse tempo foi o do fascismo ordinário, quotidiano, que ele descreveu ou alegorizou como ninguém.

E agora, José?



Óscar Lopes*

É UM LIVRO de amor, como não conheço outro — de amor por uma cidade, de que só se fala por dentro, sem um panorama, com subtítulos sempre inesperados e sempre oportunos: "Lisboa Livro de Bordo, Vozes, Olhares, Memorações"...

Termina assim: "... descobrimos a vidraça do café, está toldada por uma dança de gaiotas em turbilhão e que não há Tejo. Que desapareceu por trás de uma desordem de asas e já não é prenúncio de oceano. Então, ternamente, confiadamente, reconhecemo-nos ainda mais ancorados à cidade que nos viu partir."

E agora, José? Ocorre-me este título amargo que o autor foi colher num poema de José Drummond de Andrade. Um título que diz mais do que diz, como acontece com as palavras mais simples e ditas sem propósito — como acontece com aquela palavrinha do próprio título: "agora". Um "agora" que já não pode ser o da palavra citada, e que pode ser um mundo de coisas que vêm a seguir a qualquer grande acontecimento, porque apenas aponta para algo que se deu, que até não conseguimos dizer exactamente o que foi; o mundo recomeça a cada "agora": não há medida estranha para "agora".

José Cardoso Pires dava-se bem conta disso. Lê-se, por exemplo, o milagre do início de "Alexandra Alpha" e ninguém descobre porque é aquilo se deu, o mesmo que efectivamente se deu, por muito explicado que o texto posterior seja, pois o que fica é um deslumbramento. De resto, nem tem rigorosamente a propósito: a gente despega-o do que vem depois, como uma espécie de aerolito

que caiu ali (era no Rio de Janeiro mas não me importa). É isso dá-se como qualquer outra passagem dos romances de Cardoso Pires. Pelo que o escritor se multiplica em dar "razões que não há", para o que nos vai dizendo: são notas à margem, pequenas coincidências, apontamentos no final da página, do mais indubitável realismo. Que importam, se fazem parte da ficção, isto é, do "jogo" de uma dada história. "Balada da Praia dos Cães" é um jogo de pedaços de carne viva, desde o início, com a descoberta do cadáver farejado pelos cães, até à fúria desenfreada de outros cães num cemitério, e ao cortejo de circo avistado do monumento a Sousa Martins, a seguir a uma corrida desenfreada de aparelhos protéticos, que desce da Rua da Madalena até à Baixa.

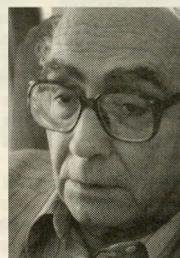
Cardoso Pires inventou uma espécie de discurso indirecto livre que até aos especialistas de linguística custa a analisar. Quem é que fala em "Balada da Praia dos Cães"? É toda a gente, em sucessão rápida e desprendida de parágrafo para parágrafo ou dentro do mesmo parágrafo.

O escritor põe-nos a nós todos a dizer aquilo em que nem se repara. A prosa de Cardoso Pires está cheia com um ovo. Não chegou ainda o tempo de analisar esse ovo. O povo português não adquiriu suficiente autotransparência como se vê pelos referendos. Lá chegará a vez. E nessa altura ver-se-á quem é que efectivamente sabia escrever o português que ainda não analisamos muito bem. Volta à pergunta inicial, que os artistas mais dotados se fazem, mesmo sem dar por isso: e agora, José? ■

*ensaísta

A herança cultural do país

EM CIRCUNSTÂNCIAS como estas as palavras repetem-se, são sempre as mesmas. Dizem-nos que foi uma grande perda para a literatura portuguesa que foi uma perda enorme para



José Saramago*

a cultura, o que é verdade. Mas também é certo que, de tão repetidas, são palavras que acabam quase por se tornar em lugares-comuns, necrológicos — que se é certo que fazem justiça, dizem o que efectivamente acontece, quer dizer referem a perda, deixam-nos todas as coisas quase como estavam.

O que é que quero dizer com isto? Quero dizer que o José Cardoso Pires que, na última parte da sua vida passou por momentos extremamente difíceis — trágicos mesmo — não teve provavelmente durante os últimos anos a manifestação pública de reconhecimento das suas qualidades de escritor que a sua obra justificaria.

E isto deverá alertar-nos para algo que acontece muito, e não só com os escritores

Creio que se o José Cardoso Pires antes de ir-se desta vida tivesse podido falar, dizer algumas palavras, acho que ele diria: Tenham cuidado com a língua portuguesa

mas também com os artistas em geral, em relação aos quais a sociedade portuguesa se mostra muitas vezes distraída. Sabe-se que eles estão ali, que trabalham, o que não quer dizer que tenham de gozar — gostava de salientar este aspecto — de privilégios especiais. São cidadãos como quaisquer outros, ou não tanto como quaisquer outros uma vez que o seu trabalho é constituído por aquilo que será convertido em herança cultural do país. Deste ponto de vista, penso que a sociedade portuguesa deveria estar mais atenta à acção, à actividade, à acção, ao trabalho dos seus criadores sejam eles escritores, poetas, músicos, pintores — tudo isso que é, afinal de contas, o fermento cultural da nossa sociedade.

Creio que se o José Cardoso Pires antes de ir-se desta vida tivesse podido falar, dizer algumas palavras — não tanto como pessoa mas como escritor — acho que ele diria: Tenham cuidado com a língua portuguesa, defendam-na, protejam-na, divulguem-na. Essa poderia ser — seria — uma das grandes preocupações dele nesse momento como, aliás, tinha sido durante a sua vida. ■

*escritor, Prémio Nobel da Literatura 1998

Bibliografia

Beaufort Books, Nova Iorque. **Itália:** Editori Reuniti e Feltrinelli, Milão. **Finlândia:** Gummerus, Helsinquia. **Hungria:** Kossut Konyvkiadó, Budapeste. **URSS:** Izdatielsevo Progreiss, Moscovo. **Checoslováquia:** Odeon, Praga. **Polónia:** Czytelnik, Varsóvia. **Bulgária:** Partizdat, Sófia. **Roménia:** Editura Univers, Bucareste. **Grécia:** Stochstis, Atenas. **Holanda:** De Prom, Amsterdão. **Brasil:** Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, e Companhia das Letras, São Paulo. **Cuba:** Ediciones Arte y Literatura, Havana.

Carpinteiro. Produção Cinequanon, 1973. **"Uma Simples Flor nos Teus Cabelos Claros"**. Realização e adaptação: Alvaro Belo Marques. EN, 1974. Direcção: Manuel Tomás. Sonoplastia: Fernando Conde. Intérpretes: Norberto Barroca, Filipe La Féria, Elisa Lis-

boa, Rui de Carvalho e Manuela Machado. **"Casino Oceano"**. Adaptação cinematográfica do conto "Week-End". Direcção de Lauro António; interpretação de João Perry e Maria do Céu Guerra. Produção Lauro António-RTP, Lisboa, 1983.

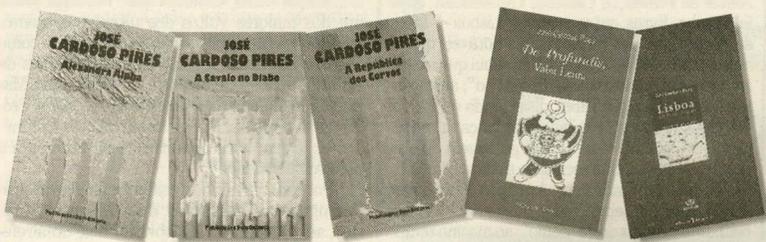
"Ritual dos Pequenos Vampiros". Adaptação e realização cinematográfica de Eduardo Geadá do conto homónimo da colectânea "Jogos de Azar". Interpretação de Duarte Nuno, Vergílio Castelo e João Franco nos protagonistas. Produção RTP, 1984.

"Balada da Praia dos Cães". Filme de José Fonseca e Costa. Argumento de António Lareta e música de Alberto Iglésias. Interpretação de Assumpta Serna, Patrick Buchau, Raul Solnado, Mário Pardo, Henrique Santana, Sergi Mateu e Carmen Dolores. Produção Andrea-Filme-Animatógrafo, Madrid-Lisboa, 1987. Edição vídeo: Produção Mundial Filmes, S.A., Lisboa, 1987.

"O Delfim". Edição audiolivro com interpretação de Luís Lucas. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1988. ■

Cinema, radiotelevisão e vídeo

"A Rapariga dos Fósforos". Filme de Luís Galvão Teles, inspirado no conto "Dom Quixote, as Velhas Viúvas e a Rapariga dos Fósforos". Intérpretes: Orlando Costa e Margarida



Mestre na arte de como se escreve um livro

A MORTE de José Cardoso Pires não foi uma grande surpresa para mim mas deixou-me em estado de choque. Não, não foi a morte de um escritor que me chocou, todos morremos, os grandes e os mais pequenos. Chocou-me a morte, antes de mais, de um grande amigo pessoal, que conheci pela primeira vez em 1958, na altura em que ele publicou na Ulisseia "O Anjo Ancorado", livro que não foi muito bem compreendido na altura, nem na primeira edição nem na segunda.



Alexandre Pinheiro Torres*

José Cardoso Pires sabia tudo quanto é possível saber da arte da escrita. Sabia também que é possível contar uma história de muitas maneiras e não desprezava nenhuma.

com M grande e sempre lhe chamei assim nas dedicatórias, Mestre, com M grande, o que muito o irritava, porque ele não se considerava mestre de nada. Depois de ler o meu posfácio, ele disse-me: "Você é que me ensina qualquer coisa, ensina-me como se lê um livro". Esse foi um dos maiores elogios que alguma vez recebi.

José Cardoso Pires sabia tudo quanto é possível saber da arte da escrita. Sabia também que é possível contar uma história de muitas maneiras e não desprezava nenhuma, mesmo quando não gostava delas, pois entendia que todos os escritores deviam ser respeitados. Inclusive não ficou contente com as polémicas em que eu me envolvi a propósito de outros escritores nos anos 60. E dizia-me "Deixa lá Alexandre, deixa-os escrever".

Nunca mais deixei de ser um leitor repetido e muito repetido da obra dele, porque ela figurou sempre nos meus programas de literatura portuguesa contemporânea na Universidade de Cardiff. Ainda hoje, ano lectivo de 1998-99, mantendo-me eu em actividade, Cardoso Pires figura como um autor de topo entre os portugueses que preservaram em manter o prestígio da sua língua. Ele é para mim e para os meus estudantes um escritor de referência absolutamente indispensável, desde os jogos de azar, de histórias extraordinárias, até esse inultrapassável "O Delfim".

Fomos amigos, vou sentir muito a sua falta quando for a Lisboa, encontrávamos-nos quase sempre nos "pubs", mas visitava-o em casa e cheguei a ficar lá, quando não tinha onde ficar. Fui o responsável pela sua vinda, como "writer in residence", no Kings College de Londres. Foram dois anos de convívio dos quais ficou uma memória, a história que se chama "De como José Cardoso Pires pescou um tubarão na Cornualha", incluída no meu livro "Tubarões e Peixe Miúdo". Esse é o meu retrato pessoal de Cardoso Pires, da sua intimidade, do seu humor, da sua enorme alegria de viver. ■

* escritor

Agustina Bessa-Luís*

O espírito das letras

CARDOSO PIRES nunca esteve tão perto de mim para que eu pudesse fazer o retrato dele e dizer: "É um retrato fiel, está parecido com ele." Nunca podemos fazer um retrato assim. Contudo, eu pergunto se Cardoso Pires não esteve mais perto de mim do que eu pensei. Tão perto que toda a dissemelhança se apaga. Por outro lado, a força oculta da natureza detesta a semelhança. E por isso os melhores amigos não se parecem.

Desaparece um homem, fica um escritor. É no mundo das letras que marcamos encontro até tudo acabar. Nós e as letras. Mas o espírito delas, esse não morre. ■

* romancista

Mário Cesariny*

Um episódio português

MAIS do que dar um depoimento, o poeta Mário Cesariny lembra-se de uma história. Um grupo de intelectuais, do qual faziam parte, entre outros, Cardoso Pires e Cesariny, decidiu ir num certo dia — de que o poeta já não se lembra a data — a uma sessão do cinema Politeama, distribuir um panfleto contra o regime. Também não se recorda qual era o tema. "Era uma estratégia tonta, não importa, era contra o regime, pronto."

Compraram bilhetes para o primeiro balcão e para a geral e um bilhete que não utilizaram, uma cadeira que ficava vazia. No intervalo aquilo foi uma festa, o cinema estava "encharcado" de panfletos e toda a gente os agarrou. Mas a PIDE é que não foi nisso. "Agarraram nas pessoas do primeiro balcão porque lançaram os panfletos, mas não sei porquê as pessoas que foram para a geral não os conseguiram atirar."

"Fomos parar à PIDE, já não era a primeira vez que eu lá aparecia, não seria a última, mas enfim. Alguns de nós conheciam-nos, outros não. Só que um dos pides olhou para o Cardoso Pires e pergunta-lhe: 'O que é que está a fazer aqui?' Acontece que o pide era inquilino da família do Cardoso Pires. Então aí — a PIDE como todas as coisas portuguesas [risos] — deixou-nos ir todos embora. E quando chegaram à porta disseram-nos: 'Agora já passam a conhecer-se uns aos outros.' É um episódio engraçado não é?" ■

* poeta e pintor

reações

"Vamos sentir muito a sua falta"

O FALECIMENTO de Cardoso Pires foi sentido pelos mais diversos sectores da vida política e cultural do país mas, também, fora de fronteiras.

"Um grande cidadão, grande amigo, grande companheiro", foi como o Presidente da República, **Jorge Sampaio**, reagiu à morte do autor de "O Delfim", em Estremoz, no dia das comemorações dos 40 anos do Serviço de Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian, onde falou sobre livros, entre os quais "Lisboa — Livro de Bordo", um dos retratos mais notáveis que se escreveram sobre a cidade. "Não sabia que iria fazer isso num contexto tão dramático", acrescentou à Lusa. Cardoso Pires, disse ainda o PR, "foi alguém que soube perceber a mudança numa sociedade (a portuguesa) e a sua passagem do obscurantismo para uma sociedade mais aberta".

O primeiro-ministro, **António Guterres**, achou que "perdemos todos o convívio com um brilhante escritor deste século", ao mesmo tempo

depoimentos

JOSÉ CARDOSO PIRES RETRATADO POR JOÃO ABEL MANTA



Liberto Cruz*

Subtileza e argúcia

EM 1969, quando ensinava Literatura Portuguesa na Universidade de Rennes (França), decidi incluir no programa duas obras de José Cardoso Pires: "O Anjo Ancorado" e "O Hóspede de Job". Nesse tempo, dada a situação política e social de Portugal, o nosso neo-realismo era estudado com frequência naquela universidade bretã. Ainda recordo o impacto que a ficção e a prosa de José Cardoso Pires provocaram nos jovens estudantes. A realidade portuguesa, abordada com subtileza e argúcia, era servida numa linguagem diferente onde palavras e frases eram ajustadamente utilizadas.

A ideia dum livro com uma análise crítica e uma selecção de textos nasceu no Verão seguinte em casa do Cardoso Pires, na sequência do entusiasmo causado pelas suas obras. As conversas havidas, a correspondência trocada, a escolha dos dados biográficos, a cronologia histórica adequada, a responsabilidade do ensaio a escrever e a procura dum editor, constituem para mim momentos inesquecíveis. Tratava-se do meu primeiro ensaio em livro sobre um escritor vivo e do primeiro livro a ser publicado sobre a obra de José Cardoso Pires. O volume apareceu, em 1972, na colecção Universo do Estudante da Editora Arcádia. ■

* crítico literário

Maria Alzira Seixo*

Amor à vida e à literatura

É COMO se José Cardoso Pires se tivesse libertado da morte, há poucos anos, para, resistindo, nos dar entretanto mais um pouco de si, escrevendo mais livros, entre os quais esse espantoso depoimento que é "De Profundis, Valsa Lenta". O escritor enfrenta o fim, dobra o cabo de uma doença



grave, e faz disso literatura e afecto (ao seu médico, aos seus amigos, aos seus leitores), não se deixando intimidar pela iminência do apagamento ou exorcizando-a na emoção e no labor de escrever a sua resistência, uma luta em que a literatura, mais uma vez, venceu. A isto chama-se implicação profissional, e profunda vivência artística do que o quotidiano nos dá, ou nos tira. É o amor à vida e à literatura que nos fica destes últimos anos de José Cardoso Pires.

Pertencemos a uma geração cujo gosto se formou lendo autores de entre os quais o seu nome avulta, por isso lembro agora muito especialmente títulos como "O Anjo Ancorado" onde revivemos os dilemas de um tempo que se sentia condenado à perda da esperança do concreto e à entrega aos conflitos existenciais, ou o extraordinário "O Hóspede de Job", onde se aprende que a secura da expressão se alia ao sofrimento mais intenso, e onde a limpidez da prosa, de um vernáculo exemplar, é uma grande lição sobre como se escreve em língua portuguesa. ■

* professora da Faculdade de Letras de Lisboa

Mário de Carvalho*

Capacidade de sedução

CREIO QUE José Cardoso Pires é um dos poucos escritores que marcaram este século na História da Literatura Portuguesa. Contos como "Os Caminhoneiros", a "Carta a Garcia" (alguns soldados, um preso, um velho comboio, uma talhada de melão e um beuroso), novelas como "O Anjo Ancorado", páginas de "O Hóspede de Job" (a chegada da patrulha da GNR à vila, junto ao poço, ou o diálogo entre a moça e o guarda, quando este estuda para os exames, no posto) e, muito especialmente, esse grande romance que é "O Delfim" assinam a excelência da arte de narrar de um dos grandes escritores dos nossos tempos.

Basta abrir-se ao acaso umas páginas de "O Delfim" para perceber a diferença de um aturado



rência central para sucessivas gerações de leitores". Para José Manuel Mendes, Cardoso Pires era uma personalidade "com um raro poder de contágio e um homem permanentemente solidário". "A literatura portuguesa, enriquecida com o Nobel, fica mais pobre com a perda de Cardoso Pires" afirmou o presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, Luís Francisco Rebelo. "Ganho o Nobel, sem palavras ficamos agora", acrescentou.

Amigo pessoal do romancista, o ex-Presidente da República **Mário Soares** lamentou que "não tenham sido feitas em vida as homenagens que [Cardoso Pires] merecia" — muito embora Soares tenha pertencido ao júri que atribuiu o Prémio Pessoa 1997 uma iniciativa do semanário "Expresso" e da Unisys.

O deputado socialista **Manuel Alegre** declarou que Cardoso Pires sabia como poucos construir um romance. Criou personagens que passa-

e exímio tratamento da Língua, de uma capacidade de sedução que não está ao alcance de todos. ■

* escritor

Urbano Tavares Rodrigues*

Inovador no estilo

JOSÉ CARDOSO Pires foi sem dúvida uma figura cimeira entre os melhores escritores portugueses do seu tempo. A sua linguagem é muito depurada, de um grande rigor, por vezes com conotações bem pessoais e intensamente sugestivas. Nos contos de "Jogos de Azar" o humor junta-se à violência e à estranheza em cenas da noite lisboeta, de um realismo cru mas tocado pelo insólito, que lhe vem do convívio com o surrealismo. Nos seus dois grandes romances — que desmontam os mitos e emblemas do Portugal rural arcaico e do paternalismo salazarista, bem como dos mutantes anos 60 — "O Delfim" e "Alexandra Alpha", não só Cardoso Pires renova profundamente as estruturas narrativas, sem prejuízo da comunicabilidade, como nos mostra Portugal, ou melhor, vários Portugais, em diferentes registos de escrita, do ético ao grotesco. Deixa-nos páginas inesquecíveis, que vão ficar, graças às suas traduções, arquivadas no melhor da literatura universal. ■

* escritor

José Cutileiro*

Os anos do 'Almanaque'

JOSÉ CARDOSO Pires foi amigo muito chegado há 40 anos, os anos do "Almanaque", revista que saía todos os meses mas não ia à censura, porque não era "publicação periódica". O Zé era chefe da redacção, composta por Augusto Abelaira, Luís Sttau Monteiro, Alexandre O'Neill, eu próprio; e Sebastião Rodrigues ocupava-se da grafia e o director-administrador era Joaquim Figueiredo de Magalhães. Passava-se tudo num primeiro andar da Rua da Misericórdia, decorado com gosto raro em escritórios portugueses e raríssimo no mundo dos jornais. Uma grande fotografia a sépia ampliava página fac-similada do Cavaleiro de Oliveira, onde se lia: "É preciso dar crédito e autoridade à razão para que o acaso se não constitua soberano." A gente procurava estar à altura.

Foi um tempo divertido para nós todos e começaram nele a minha amizade e admiração por José Cardoso Pires. Tal como Ramalho segundo Eça, o Zé tinha duas virtudes raras entre os portugueses: gozava de boa saúde e não era bacharel. Tinha também outras ainda mais raras, alegria e coragem, que tornavam o seu convívio fácil: para mim estar com ele era sempre um sossego, uma pausa

revitalizante na Lisboa acomodada, aporrinhada e medícras desse tempo.

Quem o houvesse encontrado fora do mundo das letras talvez não tivesse suspeitado que havia ali um escritor, muito menos um dos maiores deste século em Portugal. A apresentação física de si próprio era enganadora. Um doutor que me procurou uma tarde no "Almanaque" perguntou-me, incomodado, quem é que o tinha trazido ao meu gabinete e anunciado à porta: "O Cutilas, está aqui um gajo pra falar contigo." E a Maria Lúcia Monjardino, das primeiras vezes que ele lá ia a casa, julgava sempre que era o rapaz da leitaria.

Este exterior escondia o que todos os que o lemos conhecíamos: inteligência lógica treinada, o dom de tornar significativo aquilo que observasse e a arte de tocar o instrumento que lhe coubera, a língua portuguesa, como Glenn Gould tocava o seu piano ou Pablo Casals o seu violoncelo. Nos contos, nos romances, nos ensaios, fossem quais fossem as teses destes e as intrigas daqueles, o gosto maior ou menor que nelas fizessemos, Cardoso Pires deu a quem o tenha lido e a quem o vier a ler padrões mais exigentes de apreciação da prosa portuguesa.

Depois do "Almanaque" vimo-nos menos, quase sempre por acaso, nos últimos tempos ritualmente, em Sintra, no mês de Agosto, para a festa de anos do Bartolomeu Cid. Eram encontros felizes: eu sabia que ele me conhecia melhor do que eu o conhecia a ele (não é romancista quem quer), ele sabia que eu o sabia, esta disparidade fazia parte do nosso convívio fraterno.

Já com ele muito doente li, e reli, em Bruxelas "Lisboa Livro de Bordo" e fiquei maravilhado. O ciclo começado pelo vigor enxuto de "Os Caminhinhos" fechava-se noutro passeio, de olhos abertos em Lisboa, onde ele vira coisas por que eu não dera nunca, ou que eu não entendia assim, ou para as quais ele encontrara palavras que me haviam faltado. Tudo isto escrito de tal maneira que li o livro como se ouvisse música.

Com a morte de José Cardoso Pires vai-se um amigo. E vão-se também um olhar e uma voz que, mais do que quaisquer outros na nossa prosa contemporânea, "purificaram o dialecto da tribo". ■

* embaixador

Paulo Castilho*

A verdade

SE TIVESSE de resumir José Cardoso Pires numa só palavra, essa palavra seria verdade. Porque há em tudo aquilo que nos diz a força imediata e sem rodeios das palavras claras. Porque por trás da simplicidade directa com que se nos dirige está a riqueza e humanidade de um mundo complexo. Porque recusa o recurso aos expedientes fáceis da literatura, aos fogos-de-artifício verbais e intelectuais para nos dizer que a única coisa que importa são as pessoas. Um poeta da beleza do quotidiano, um prosador que vê como um cineasta. Uma voz de coragem quando ter coragem não era cómodo. José Cardoso Pires um homem igual à sua escrita. A verdade. ■

* escritor

ram a fazer parte da vida. Ele próprio era uma personagem da vida."

Para o poeta Eugénio de Andrade, com a morte do autor de "A Balada da Praia dos Cães", "desapareceu um dos nossos grandes prosadores, um dos maiores. A morte dele era esperada mas apesar disso a notícia choca-me, perturba-me". O romancista Mário Cláudio, desabafou, por sua vez: "Não conheci, nas nossas letras ou nas outras, camarada mais solidário e mais dialogante, menos preso ao que há de postivo, de amaneirado e de artificial na vida literária de todos os lugares e de todos os tempos."

O realizador José Fonseca e Costa, que passou para a tela "A Balada da Praia dos Cães", afirmou que o escritor "ficará para sempre presente, e isso torna ainda maiores a minha dor e a minha emoção, sabendo que não volto a falar-lhe".

"Um exímio contador de histórias e severíssimo crítico de salazarismos e provincianismos" é como o pintor Manuel Amado recorda Cardoso Pires. "A partir de meados de 70 comeci a gastar mais tempo com a pintura. Entre o escasso número de amigos que foram seguindo de perto o meu

trabalho encontrei, volta não volta, o calor delicado do Zé. Um calor feito de generosidade e perspicácia, com uma atenção que me atrevo a denominar de ingénua, exercida sem truques nem objectivos de grupo".

Mas as reacções à morte de Cardoso Pires não se ficaram só pelo país à beira mar plantado que foi tantas vezes personagem central dos seus romances. Uma das suas tradutoras, Carmen Radulet, professora de Literatura Portuguesa na Universidade de Viterbo, Itália, declarou que, "infelizmente, a sua obra, grandíssima pela utilização linguística e pelas estruturas narrativas, tem ficado em segundo plano, pela importância dada a Fernando Pessoa e José Saramago". O poeta moçambicano José Craveirinha afinou pelo mesmo diapasão da maioria das reacções — a morte do escritor "é daquelas perdas que de tão irreparáveis não se tem palavras para definir".

O seu amigo e editor Nelson de Matos acabou por confessar aquilo que pode sintetizar todas as reacções do falecimento de Cardoso Pires. "Vamos sentir muito a sua falta." ■

Carlos Câmara Leme, com Lusa

No 1

Já decidi! A solução é BELCOM-RDIS

O melhor em Centrais Telefónicas!



E decidiu bem.

Assim acabam-se os problemas!

GANHOU A EMPRESA

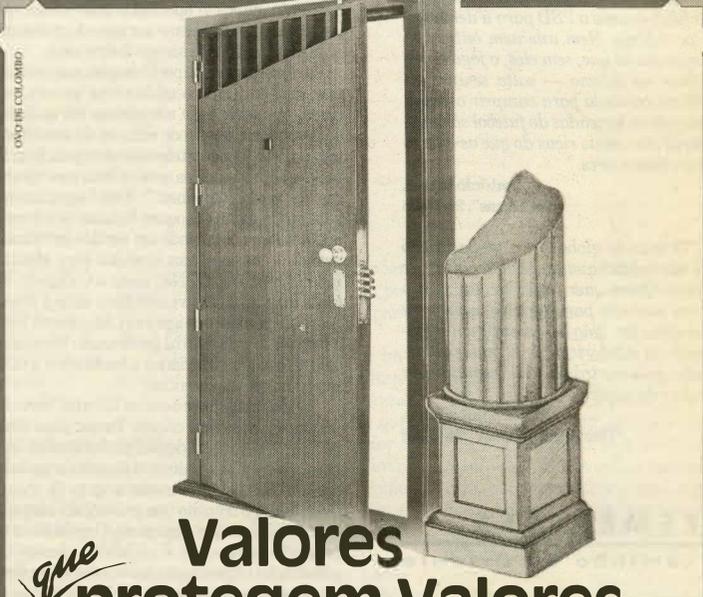
Com BELCOM-RDIS pode ligar para qualquer parte do mundo e VER com quem está a falar. Devido à tecnologia híbrido-celular e ao facto de as nossas fábricas do Japão, EUA e Suíça serem totalmente robotizadas, obtém-se um baixo custo de produção. Com o BELCOM-RDIS nem "paga para ver", pois o seu custo é semelhante aos sistemas vulgares. E você porque não tem o melhor? Contacte-nos!...



A BELTRONICA
BIYISAO DE SISTEMAS TELEFONICOS DIGITAIS

SEDES OPERACIONAIS:

<p>PORTO Rua 5 de Outubro, 230 • 4100 PORTO Tel.: (02) 607 91 60 • Fax: (02) 607 91 67</p>	<p>CENTRO Rua Miguel Torga, 170 • 3030 COIMBRA Tel.: (039) 79 11 00 • Fax: (039) 79 11 09</p>	<p>LISBOA Rua Dr. José B. de Sousa, 27 • 1500 LISBOA Tel.: (01) 711 30 00 • Fax: (01) 711 30 03</p>
<p>RIBATEJO Av. Sá de Bandeira, 4 • 2000 SANTARÉM Tel.: (043) 300 56 00 • Fax: (043) 300 56 09</p>	<p>BEIRA INTERIOR Rua Cidade da Covilhã, 47-1 • 6230 FUNDÃO Tel.: (075) 77 90 00 • Fax: (075) 77 90 09</p>	<p>SETÚBAL Av. D. João II, 6-1ª • 2910 SETÚBAL Tel.: (065) 520 14 10 • Fax: (065) 520 14 19</p>
<p>ALENTEJO Av. Dinis Miranda, 107 • 7000 Évora Tel.: (066) 740 94 40 • Fax: (066) 740 94 49</p>	<p>ALGARVE Av. José da Costa Mealha, 161 • 8100 LOULÉ Tel.: (089) 410 10 60 • Fax: (089) 410 10 69</p>	<p>MADEIRA Rua Dr. Brito de Câmara, 26 • 9000 FUNCHAL Tel.: (091) 740 41 00 • Fax: (091) 740 41 09</p>



que Valores protegem Valores

Segurança, Qualidade e (pronta) Assistência são as Chaves do nosso Bom Nome. Em Casa, no Escritório, na Fábrica. Valores com Valor se guardam.

- Cofres de Parede e Monobloco.
- Portas Blindadas • Fechaduras de Alta Segurança.

Fábrica de Chaves do Areeiro, S.A.
DESDE 1956 *A Opção Segura*

Prça Francisco Sá Carneiro, 10-D (Pg. do Areeiro) 1 000 LISBOA • Tel.: 848 86 88 • Fax: 840 91 83